

O Diaconado Permanente na Companhia Paulina e na Igreja Primitiva

Introdução

Antes de ser referida a diaconia propriamente dita, será útil uma peregrinação mais do que concordancial pela companhia paulina, para ajudar a perspectivar o carisma, a função do diaconado no seio e no conjunto dos variados serviços e colaboradores que acompanham o apóstolo das gentes no trabalho de evangelização.

A diaconia atravessa todo o espectro de tempo do Novo Testamento na diversidade das respectivas comunidades, cujo espectro é também ele plural. É possível detectar alguns "servidores" (diáconos) e "servidoras" (diaconisas) espalhados ao longo do Novo Testamento. É por isso importante uma revisitação do espectro de todo o Novo Testamento para que a figura contemporânea do "diaconado" na opção do "diaconado permanente" não leia apenas Act 6,1-6 como fez alguma exegese¹ e mesmo alguns documentos magisteriais até recentes como o documento conjunto da Congregação para a Educação Católica e da Congregação do Clero de 1998, nº2, e respectivo Directório

¹ Basta como exemplo F. AMIOT, "Diacres I", *Catholicisme Hier-Aujourd'hui-demain* III (1982) 726-728. Para uma crítica a esta leitura ver recentemente HENRI DENIS, *Un diaconat plein de questions stimulantes*. In BRUNO DUMONS - DANIEL MOULINET (eds.), *Le diaconat permanent Relectures et perspectives*, Paris 2007, 307 que alerta para o destino do ministério da Palavra que assumirão estes e outros "sete".

"nº2. Ministerium diaconorum in Ecclesia inde a temporibus apostolicis documentis comprobatur. Secundum firmam Traditionem cuius testis est Sanctus Irenaeus, quaeque in liturgiam ordinationis est recepta, initium diaconatus in eventu ponitur institutionis « septem virorum », de quibus in Actis 6, 1-6 agitur. Itaque in primo sacrae hierarchiae initio diaconi sunt constituti, quorum ministerium in Ecclesia magno in honore est habitum"²

É no mínimo curioso que em Act 6,1-6 nunca se fale em diáconos (só refira a *diaconia* no v.1 às viúvas e o *serviço das mesas* no v.2), ao contrário de muitas outras passagens em que a figura do diácono (do *servidor*) se torna uma presença habitual, *permanente* da comunidade, tendo sempre presente que no grego do Novo Testamento o termo e a realidade concreta do *διάκονος* é masculino e feminino.

Cronologicamente, e começando com o Apóstolo das gentes, os seus companheiros e companheiras formam um grupo vasto e diversificado, com vários colaboradores e colaboradoras, dos quais só conhecemos uma parte do seu número. Logo por isto as conclusões serão sempre parcelares. Paulo não nos oferece com precisão a delimitação das suas funções ou prerrogativas. O mais importante é o facto de que colaboram com o apóstolo na obra do anúncio do evangelho do Crucificado. Isto faz com que não se possa sem mais transpor para a actualidade a variedade e heterogeneidade da *companhia paulina*. O objectivo desta *companhia de Paulo* não é de modo nenhum a manutenção de modelos ou de estruturas administrativas nem de paradigmas culturais. Cada um à sua maneira, e de acordo com o talento que o Senhor lhe deu, colabora na tarefa ingente e sempre infinda de anunciar o evangelho e de animar as comunidades cristãs. Este tema pressupõe assim ter muito bem presente a questão da hermenêutica bíblica, pois ela ajuda a estabelecer os limites desta análise. Não se pode sem mais querer copiar estes exemplos para transpô-los de modo imediato para a actualidade sem uma interpretação. Mas precisamente enquanto paradigmas oferecem-nos algumas chaves de leitura ou princípios orientadores que poderão auxiliar a comunidade eclesial contemporânea no exercício da vivência do evangelho, na partilha desse mesmo evangelho e na escolha dos colaboradores. Importa nesta resenha muito breve começar por ver os títulos que Paulo confere àqueles que o acompanham no trabalho de evangelização e quais as tarefas que lhes são pedidas conforme as necessidades das comunidades e o envio do próprio Cristo.

² CONGREGATIO DE INSTITUTIONE CATHOLICA – CONGREGATIO PRO CLERIS, "Ratio fundamentalis diaconorum permanentium de 22 de Fevereiro 1998", *AAS* 90 [1998], 844; Cf. IDEM, "Directorium pro ministerium et vita diaconorum permanentium", *AAS* 90 [1998], 881.

1. Títulos principais dos companheiros de Paulo

Paulo apresenta vários serviços ao longo das suas viagens, serviços esses exercidos por cristãos e cristãs, por companheiros e companheiras. Conhecemos muitos que estão na companhia do apóstolo ao serviço das comunidades com os carismas que o Espírito lhes inspira. Companheiros de Paulo ao serviço das comunidades fundadas pelo apóstolo e pelas que vieram depois com a sua escola são os catequistas itinerantes, os bispos, presbíteros, apóstolos, apóstolas, diáconos, diaconisas³, mestres, doutores e evangelistas que partilham com os apóstolos o mesmo serviço da Igreja. Trata-se de uma companhia plural mas estável e universal, de uma companhia como que indirecta ou normal no serviço universal de toda a Igreja. Deste serviço fazem parte os intendentos (os "episkopoi") e os mais velhos (os "presbyteroi": Act 18,21) à frente das comunidades no serviço da vigilância, ou igualmente os "diákonoi". Paulo fala com autoridade aos anciãos de Éfeso num plural colegial/sinodal⁴ (cf. Act 20,17-35), anciãos esses que provavelmente o próprio apóstolo até designou, se bem que tal seja atribuído ao Espírito Santo no v.28 ("o Espírito Santo estabeleceu-vos como bispos [episkopous *ἐπίσκοποις*] para apascentar a Igreja de Deus").

Paulo é companheiro dos *Doze* quer por graça a caminho de Damasco (cf. Act 9; 22; 26) quer publicamente a partir do acordo em Jerusalém (cf. Act 15). É curioso que Paulo, embora conhecendo "Tiago, Cefas e João" (Gal 2,9), não utiliza a expressão "Doze", excepto em 1 Cor 15,5 onde cita uma confissão de fé tradicional que ele mesmo recebe, provavelmente originária da comunidade primitiva de Jerusalém. Sendo companheiro dos Doze, Paulo é *apóstolo* (enviado), é companheiro dos apóstolos e Barnabé é outro companheiro *apostólico* de Paulo (cf. Act 14,4.14.21) que tal como ele fala bastante tempo sobre Jesus e com todo o arrojo (v.3). Barnabé e Saulo são assim normalmente enviados como apóstolos, pois são apóstolos. Vão para ocidente até Chipre, até Licaónia, Pisídia e Panfília. Pregam nas sinagogas a Boa Nova de Jesus ressuscitado, antes de informar sobre o trabalho realizado na comunidade de

³ Este é também um título e uma função reconhecida por ALFONS WETSER, "Diakon", *LThK* III (1995) 179 no seio das comunidades paulinas. Algumas colaboradoras eram assim "diaconisas", como Febe e Lídia: cf. no mesmo sentido H. W. BEYER, "διάκονος", *TWNT* II (1933) 92; *GLNT* II (1966) 981; PAUL PHILIPPI, "Diakonie I", *TRE* VIII (1981) 626; CAROLYN OSIEK, "Diakon / Diakonisse / Diakonat", *RGK* II (1999) 784; YVES CONGAR, "Diaconesses", *Catholicisme Hier-Aujourd'hui-demain* III (1962) 719; MAURO ORSATTI, *Lettere Pastorali 1-2 Timoteo, Tito*, Padova 2006, 52; PAOLO IOVINI, *Lettere a Timóteo Lettera a Tito*, Milano 2005, 271.

⁴ Cf. GIOVANNI LEONARDI, *I discepoli del Gesù terreno e i ministeri nelle prime comunità. Rottura o normale evoluzione?* In RINALDO FABRIS (a cura di), *La Parola di Dio cresceva (At 12,24). Studi in onore di Carlo Maria Martini*, [= ABI Supplementi alla Rivista Biblica 33], Bologna, EDB 1998, 467.

Antioquia (cf. Act 14,21-27). Antes, nos vv. 4.14 Saulo e Barnabé são chamados "apóstolos" mais explicitamente. São identificados como *enviados*, como os *oficiais* do Espírito Santo e da comunidade numa missão de itinerância. Um certo João, companheiro de Paulo e de Barnabé, também foi apóstolo, diácono itinerante evangelizador como eles. Mas desertou em Act 13,13, regressou a Jerusalém não levando este apostolado até ao fim. A companhia de Paulo vê vária gente a entrar mas também a sair. É o processo normal do evangelho e da vida da Igreja. Paulo sabe que não é acompanhado por máquinas.

Já no início das viagens missionárias algumas comunidades antioquenas privilegiam as figuras do *episkopos*, dos apóstolos, dos profetas ou dos doutores, enquanto que as comunidades judaicas privilegiam os mais velhos, os anciãos, os *presbíteros* (cf. Act 14,23) sobre os quais impunham as mãos, tal como Lucas contará *mais tarde*. Não admira, portanto, que na grega Filipos não se encontre qualquer companheiro de Paulo dos *mais velhos* (*presbyteroi*). Paulo e a comunidade de Filipos conhecem a figura do intendente, do vigilante no mundo antigo grego. É aquele que vê ao lado, diante do qual somos confrontados, julgados. A figura do *κατάσκοπος* é definida pelo estóico Epicteto (c.55-135 d.C.) como sendo um filósofo cínico para o qual filosofar não significa conhecer os segredos do universo, mas ter uma missão divina no mundo – a de profetizar a penitência⁵. Este profeta cínico anuncia um juízo divino. Em Filipos, Paulo é coadjuvado por "episkopoi" e "diakonoi". Estamos a falar ainda de um grupo plural, no plural. Na posterior carta a Tito, o companheiro que vigia sobre a comunidade (o "epi-skopos") surge ao contrário sempre no singular, nunca no plural. Mas não se fala ainda de um episcopado monárquico, como recorda Beyer⁶.

Em vez dos presbíteros, os companheiros de Paulo no apostolado parecem ser os *episkopoi kai diakonoi* (cf. Flp 1,1). Mas esta constitui a *única referência* nas proto-paulinas à figura do intendente e dos servos (ou evangelizadores) (dos pobres). São termos património sobretudo das trito-paulinas. Nas deutero-paulinas, por seu lado, as figuras do apóstolo e do profeta parecem pertencer a um passado ainda não longínquo, sendo substituídos progressivamente pela figura do pastor ("poimên": cf. Ef 2,20; 4,11.13). Com efeito, no ministério público de Paulo parecem não caber nem os *episkopoi* nem os *presbyteroi*. Virão de facto mais tarde, depois nas comunidades de Paulo. É sintomático que na comunidade de Filipos, curiosamente, não apareça nunca a palavra *presbítero*. A função do "serviço" é desempenhada por um grupo concreto a quem Paulo chama no começo da sua carta "inspectores e diáconos"

5 Cf. EPICTETO, *Epistula ad Meneceu* III.122. In ILARIA RAMELLI (a cura di), *Epicurea, testi raccolti di Hermann Usener* (1881), Milano 2007, 170.

6 Neste sentido ver H. W. BEYER, "Επισκοπος", *TWNT* II (1935) 613; *GLNT* III (1967) 782.

(ἐπίσκοποι καὶ διακονοί). Parece que, à semelhança dos profetas e dos doutores, dedicavam-se ao serviço da pregação, da proclamação e do ensino. Permanecem "firmes num só espírito, lutando juntos numa só alma pela fé no Evangelho", não se deixando intimidar com os adversários (cf. Flp 1,27-28). Nas cartas que Paulo escreve à sua amada *Colonia Laus Iulia Corinthiensis* fica bem patente o esforço pela defesa do património da fé dos apóstolos. Das ocorrências no N.T. do conceito *διάκονος* metade são utilizados para recolocar a comunidade rebelde de Corinto na rota do Evangelho de Jesus através de um trabalho de crítica e de fundamentação da fé. Esse é o serviço deste servidor. Paulo vê-se obrigado a distanciar-se dos outros pregadores da cosmopolita capital da província da Acaia (cf. 2 Cor 1,1). Nesta apologia não só da fé mas do verdadeiro ministério (que continua em 2 Cor 10-13), a verdade da *diaconia* de Paulo e dos seus companheiros destaca-se pela objectividade orto-prática pelo anúncio ortodoxo do evangelho do reino: "Ele tornou-nos aptos para sermos ministros (διακόνους) de uma nova aliança" (2 Cor 3,6). É isto precisamente que distingue os verdadeiros *diáconos* dos impostores e proselitistas de cariz espiritualista, com personalidades mais ou menos difusas que subjectivizam a sã doutrina recebida dos apóstolos⁷. Note-se que Paulo fala na primeira pessoa do plural, pelo que Priscila e a sua mulher, Silas e Timóteo (cf. Act 18,1.5) terão feito parte daqueles que ajudaram Paulo na diaconia de manter o vínculo de unidade da fé em Corinto. O trabalho é eminentemente de ensino e de pregação. Neste sentido, nos textos de 1 Cor 3,5 e 2 Cor 6,1.4 o conceito de "diákonos" assume uma semântica mais restrita do que um generalista significado de "servidor" tal como adquiriu nos nossos tempos. Mas servidor de quê ou de quem? Earle Ellis mostra como desde o início estamos com este termo diante de um pregador itinerante⁸, cuja tarefa consiste primariamente na obra da pregação e de ensino nas comunidades paulinas. O "diácono" surge aqui como um co-operador (*synergós*) que se dedica ao trabalho e ao serviço (mesmo até ao sofrimento) pelo evangelho de Jesus.

Em 1 Cor 4,1 o diácono é servidor do evangelho, aquele que ensina os mistérios de Deus, é o "ὑπηρέτης" de Cristo e juntamente com o apóstolo Apolo é *ecónomo* dos mistérios de Deus. Mas é-lo por inspiração divina, e não actua por livre iniciativa. "ὑπηρέτης" corresponde ao mensageiro, tal como Hermes é arauto dos deuses. É um sujeito livre, não é o "doulós" (o escravo). É livre e até pode receber algo pela sua tarefa. Etimologicamente significa aquele

7 Cf. STANLEY PORTER, *Exegesis of the Pauline Letters including the Deutero-Pauline Letters*. In IDEM (ed.), *Handbook to Exegesis of the New Testament* [= *New Testament Tools and Studies* 25], Leiden 1997, 513.517.518.

8 Cf. E. EARLE ELLIS, "Paul and his co-workers", *NTS* 17 (1971) 441.

que está sob ("υπο,") o remador ("ερετης") que comanda o navio⁹. Recebe por isso ordens de um outro remador, rema segundo a instrução de outrem, mas com esse outrem rema contra a maré-alta ou adversa. É um destes servidores que entrega a Jesus o livro da lei quando lê Is 60 na sinagoga de Nazaré em Lc 4. Exerce aí esse servidor uma função litúrgica. Quando está preso, Paulo recebe autorização do procurador Félix para se *fazer assistir pelos seus* (ὑπηρετεῖν αὐτῷ cf. Act 24,23). O mesmo verbo pressupõe o serviço laboral como no caso de Paulo em Act 20,34 onde o apóstolo recorda que as suas mãos providenciaram ao seu sustento (ὑπηρέτησαν αἱ χεῖρες αὐταί). Não sabemos com rigor as funções de João Marcos - ὑπηρέτης de Barnabé e de Paulo. Paulo e Apolo podem também ser considerados diáconos do evangelho: ambos pregam e ensinam. Parece ser esta a missão principal dos diáconos ao tempo de Paulo: ensinar e pregar a Boa Nova do querigma. Segundo Earle Ellis trabalham quer em regime itinerante quer em regime fixo nas comunidades locais como "lokalen Amtsträger"¹⁰ dedicando-se ao serviço do ensino, tal como Febe é uma diaconisa local (cf. Rom 16,1). O próprio Paulo e os seus companheiros mais próximos desde a primeira hora preferem a itinerância¹¹. Neste sentido, Apolo é apóstolo como Paulo, como acertadamente conclui Rengstorff¹², é diácono como ele. Timóteo é chamado a cumprir a sua fidelidade ao evangelho mantendo-se longe das hipocrisias, das ideologias na respectiva artificiosidade. Deste modo cumprirá a sua *diakonia* (cf. 2 Tim 4,3). Neste contexto, os apóstolos também são diáconos na medida em que exercem uma missão de pregação e de instrução¹³. Em Ef 3,5-10 a missão dos diáconos é a de levar os insatisfeitos à fé: os mistérios foram revelados aos "santos apóstolos e profetas". Paulo foi feito servidor (diácono) deste mistério (v.7).

Não é ainda seguro no período pós-paulino do N.T. que haja diáconos em todas as comunidades. Encontramo-los em Éfeso, mas não em Creta, por exemplo. De acordo com 1 Tim 3,8-13 o serviço dos diáconos pode ser desempenhado tanto por homens como por mulheres¹⁴, e as suas funções estão muito próximas das dos presbíteros, se não são mesmo coincidentes em absoluto. Parece que os diáconos fariam assim parte de antigas equipas ambulantes que as comunidades paulinas agregam para o trabalho missionário e de teologia. Os tempos das grandes missões parecem nesta altura ter chegado ao seu termo, e os diáconos movem-se a partir dos grandes centros

9 Cf. K. H. RENGSTORF, "υπηρέτης", *TWNT* VIII (1969) 534; *GLNT* XIV (1984) 606.

10 Cf. JÜRGEN ROLOFF, "Amt IV Im Neuen Testament", *TRE* II (1977) 517.

11 Cf. E. EARLE ELLIS, "Paul and his co-workers", *NTS* 17 (1971) 443.

12 Cf. K. H. RENGSTORF, "υπηρέτης", *TWNT* VIII (1969) 543; *GLNT* XIV (1984) 628.

13 Cf. E. EARLE ELLIS, "Paul and his co-workers", *NTS* 17 (1971) 445.

14 Note-se que em grego o termo *diáconos* tanto pode ser masculino como feminino.

que foram fundados por um evangelista. No caso das Cartas Pastorais, tudo leva a crer que os diáconos serviam a partir da comunidade presidida por Timóteo - como é o caso da comunidade de Éfeso (cf. 2 Tim 4,5) - ou a partir da comunidade de Filipe em Cesareia (cf. Act 21,8). Significa, por isso, que muito provavelmente os diáconos seriam uma espécie de catequistas itinerantes¹⁵. O diácono nas comunidades de Paulo não é o diácono actual, nem sequer um funcionário do culto, na medida em que o diácono paulino é viajante (cf. Rom 16,1; 1 Cor 3,5; 2 Cor 3,6; Col 1,23.25), e pode ser um profeta, um evangelista, um mestre, um doutor, ou inclusivé um dos seus colaboradores mais directos. O próprio Paulo apresenta-se como tal (cf. Col 1,23.25), como um servidor, um diácono (ao serviço do serviço da Palavra do Cristo crucificado)

*"Diener Christi sein heisst für Paulus, seine ganz Existenz als vom Bilde des dienenden Christi geprägte in die Verkündigung einbringen"*¹⁶.

Não significa à partida, portanto, um ministério ordenado. Pode também designar um grupo específico de ministros (cf. 1 Tim 3,8; 4,6), onde parece que se poderão também incluir mulheres ou as esposas desses servidores: "do mesmo modo, as mulheres sejam dignas, não maldizentes, sóbrias e fiéis em tudo" (1 Tim 3,11)¹⁷. Seja como fôr, para uns e para outras a lista de virtudes, de exigências e de critérios mantém-se, para bispos, diáconos e diaconisas¹⁸. Dos inúmeros requisitos destacam-se a sobriedade e a fidelidade ao τὸ μυστήριον τῆς πίστεως (v.9). É de notar que as cartas Pastorais são parcas no uso do termo "mistério", tal como os evangelistas (cf. Mc 4,11; Lc 8,10). Na verdade, o tom destas cartas pastorais é precisamente mais pastoral. No entanto, todos os serviços visam a defesa daquilo a que actualmente se chama o *depositum fidei*. Para isto existem todos os ministérios, o que quer dizer que antes do serviço está a fidelidade à tradição doutrinal recebida. Não é por casualidade que Sto Inácio de Antioquia manterá esta exigência fundamental de guardar o depósito do mistério da fé para os diáconos (*Ad Tral.* 2,3).

De acordo com as recomendações sobre a acção de Timóteo em Éfeso

15 Com efeito, ao contrário do que H. W. BEYER, "διάκονος", *TWNT* II (1933) 90; *GLNT* II (1966) 974 lê, os diáconos não são funcionários administrativos, mas com Paulo são enviados, pregadores itinerantes com a responsabilidade da pregação e do ensino. Para uma actualização do serviço e do carácter desta função de diácono no campo das implicações éticas na nossa cultura pós kantiana e individualista ver MARTIN SEIDNADER, "Dienen, Apostolizität und Tugend. Zur Aktualität von 1 Tim 3,8-9", *Münchener Theologische Zeitschrift* 51 (2001) 103-112 (109-110).

16 JÜRGEN ROLOFF, "Amt IV Im Neuen Testament", *TRE* II (1977) 518.

17 Esta é a posição de ANDRÉ LEMAIRE, *Les ministères dans l'Église*. In JEAN DELORME, *Le Ministère et les ministères selon le Nouveau Testament*, Paris 1974, 114 segundo o qual estaríamos "muito provavelmente" também aqui diante da existência de mulheres diáconas (ou diaconisas).

18 No mesmo sentido MARTIN SEIDNADER, "Dienen, Apostolizität und Tugend. Zur Aktualität von 1 Tim 3,8-9", *Münchener Theologische Zeitschrift* 51 (2001) 105.

e de Tito em Creta, o(s) autor(es) das Cartas Pastorais deixa(m) entender que outros colaboradores dos apóstolos, talvez conhecidos como "evangelistas", preenche(ra)m os respectivos requisitos apostólicos aumentando assim a companhia paulina: Demas em Tessalónica, Crescêncio na Galácia, Tito na Dalmácia, Erasto em Corinto, e talvez Trófimo em Mileto (cf. 2 Tim 4,10.20). Porquanto, desta forma, com a expansão missionária do evangelho o apóstolo das gentes rapidamente dá-se conta que o modelo presbiteral entendido à maneira judaica é insuficiente para socorrer a todas as necessidades pastorais das comunidades da Ásia Menor. Começará aqui a transposição do modelo presbiteral para o modelo episcopal passando pelo modelo presbiteral-episcopal? Será mesmo viável estabelecer esta equação histórica? Efectivamente, o encontro mais ou menos helenizante do evangelho com a cultura greco-romana provocou a disseminação destes delegados apostólicos, cuja superintendência comunga da apostolicidade dos discípulos de Jesus, entre os quais também os diáconos. Mas quais são as funções destes servos? Permanece difícil delimitar, precisar o conteúdo da diaconia que os diáconos exerciam ao lado dos *presbíteros* ou dos *epískopos*¹⁹. Com o Pentecostes assiste-se a uma profusão de carismas. Mas não podemos dizer que funções propriamente espirituais, como aquelas do culto e do ensino da Palavra, terão sido reservadas só aos apóstolos ou aos missionários ambulantes, àqueles que os textos chamam "apóstolos", "profetas", "doutores", "evangelistas", ou "mestres". Como se fosse possível mais uma vez estabelecer uma dicotomia entre carismas por um lado e ministérios por outro.

Com efeito, pouco a pouco, com o desaparecimento destes *ministros apostólicos* (entre os quais já se contam *presbíteros* e *epískopos*), com a morte dos próprios apóstolos, e com a estabilização dos frutos dos carismas e carismáticos no seio das diferentes comunidades eclesiais, terão os *epískopoi* e os servidores da *diaconia* assumido também algumas tarefas que poderemos hoje denominar de mais administrativas, que não só espirituais ou culturais. Mas sem deixar de exercer a missão fundamental da pregação e do ensinamento. Pois se houvesse uma ruptura nítida dentro do N.T. entre ministérios funcionais ou administrativos por um lado e os carismas por outro, ficaria arruinada qualquer possibilidade de estabelecer a origem apostólica da hierarquia eclesiástica. Ao invés, ainda que parcos nas informações, os textos da tradição antioquena atestam que desde o princípio Paulo estabeleceu *presbíteros* nas jovens comunidades da Licaónia e da Pisídia (cf. Act 14,23) impondo-lhes as mãos. Tito e Timóteo são encarregados por Paulo para estabelecer *presbyteroi* ou *epískopoi* em Creta e na região de Éfeso (cf. Tit 1,5; 1 Tim 5,22), sobre

19 Cf. BERNARD SESBOUÉ, *Ministères et structures de l'Église*. In: JEAN DELORME, *Le Ministère et les ministères selon le Nouveau Testament*, Paris 1974, 382.415.

os quais o dom do Espírito é derramado de forma estável e ordinária pela imposição das mãos (cf. Act 20,28). Com isto não se nega que até tenham sido escolhidos com a intervenção mediadora de um voto popular, ou que até tenham exercido alguma função de carácter mais temporal. Mas a *investidura* na missão não fez deles meros gestores. O *epískopos* tem de ser "capaz de ensinar" (1 Tim 3,20), e "permanecer fiel à sã doutrina" (Tit 1,9). O mesmo será exigido aos diáconos. Só assim poderão desde o início ter sido colocados à frente da comunidade na condição de presidência, da superintendência vigilante ou supervisora (*προϊστάμενος* 1 Tes 5,12; Rom 12,8). Neste sentido, Pierre Grelot acautela correctamente para o facto de que nem os modelos greco-romanos nem os modelos carismáticos dão uma explicação suficiente para a emergência de novas funções ou ministérios dentro das comunidades paulinas²⁰, como também o modelo judaico-sinagoga não foi simplesmente clonado em outras paragens no confronto com a cultura da diáspora grega e romana. Querer derivar a figura do presbítero do modelo presbiteral sinagoga ou a figura do bispo do supervisor helénico administrador local secular, é, como refere Raymond Brown, um erro²¹. Com efeito, os conceitos de "episkopos", de "diakonos" e de "presbyteros" são há muito conhecidos para Paulo desde a tradução dos LXX. Neste sentido, não é necessário interpretar as figuras ministeriais paulinas como uma cópia dos modelos helénicos para dentro das comunidades cristãs, tal como propõe Paul Philippi

"Die Amtzbezeichnungen *ἐπίσκοπος* und *διάκονος* mögen auf hellenistisches Vereinsleben zurückgreifen. Und es ist auffällig, dass die Gemeinde gerade profane Benennungen für die Neuschöpfung dieses Doppelamtes übernahm"²².

Estes títulos são mais do que uma nomeação pagã para um duplo ministério. Muitos companheiros são referidos por Paulo de forma mais próxima como seus próprios parceiros no trabalho de evangelização. Com os títulos de "koinóns", "synergós", "sustratiôtês", "euaggelistai", "didaskalos", "leitourgós", "sundoulos", "apóstolos", "diákonos", "téknon", Paulo elenca uma grande quantidade de colaboradores e de cooperadoras. Nunca os seus auxiliares mais estreitos recebem o título de "amigo" (*philos*). São muito mais do que isso, são muito mais do que meros "amigos": são "adelphoi" (irmãos) e sobretudo "συγγενεῖς" (congénere), título que em Paulo nunca assume uma valência étnica judaico-cristã, mesmo em Rom 16,21 ao referir Timóteo, Lúcio,

20 Cf. PIERRE GRELOT, *Les ministères dans le Peuple de Dieu, Lettre à un théologien*, Paris 1988, 47.

21 Cf. RAYMOND E. BROWN, *Las Iglesias que los Apóstolos nos dejaron* (1983), Bilbao, Desclee³1998, 43. Este autor prefere fazer derivar o modelo episcopal do modelo de organização dos grupos sectários do Mar Morto, como o dos essénios (cf. IDEM, *Ibidem*, 44). No fundo, um modelo de inspiração judaica.

22 PAUL PHILIPPI, "Diakonie I", *TRE VIII* (1981) 623.

Jasão e Sosípatro²³. Epafrodito, por seu turno, é "leitourgós da minha mão" (Flp 2,25), especialmente chamado ao serviço do Senhor. Epafrodito é um "liturgo" do Senhor, ainda que não consigamos com esta designação afirmar a realização de um serviço cultural²⁴. Além de Barnabé com Paulo em Antioquia da Pisídia (cf. Act 13,13), existem muitos outros "perí Paulon", próximos do apóstolo das gentes, simpatizantes, mas sem função ou lugar definidos. Muitas outras vezes essa função continua indefinida. Sabemos somente que estão com ele ou que foram com Paulo. Muitos são evocados como "irmãos" ("adelphoi": Gal 1,2; 1 Cor 9,5; Flp 4,1), mas de modo inominado e distante. Em jeito de exortação, Paulo aponta-lhes as balizas da vida da fé em comunidade (Παρακαλῶ δὲ ὑμεῖς, ἀδελφοί, σκοπεῖν τοὺς τὰς διχοστασίας καὶ τὰ σκάνδαλα παρὰ τὴν διδασχὴν ἣν ὑμεῖς ἐμάθετε ποιοῦντας, καὶ ἐκκλίνετε ἀπ' αὐτῶν Rom 16,17). Podem permanecer na companhia de Paulo os que evitam dissensões e escândalos, os que não oferecem motivos de escárnio ou de vilipêndio, os que recusam o que não é compaginável com o evangelho (mesmo que essa liberdade signifique pagar o preço da própria vida de fé na condição pró-martirial no meio do mundo). A maior parte não irá tão longe. Paulo sabe disso, mas isso mesmo não o impede de desabafar no final da sua carreira: "Demas desertou-me ... partiu para Tessalónica e Crescêncio para a Galácia ..." (2 Tim 4,10). Alguns até o traem, como Alexandre o fundidor (cf. v.14). Em 1 Cor 16,19-20; Flp 4,21 Paulo põe-se do lado dos seus colaboradores "irmãos" e companheiros na fé deixando uma saudação destes a todos os membros de Corinto e de Filipos. Os "ἀδελφοί" não são apenas os que compartilham a mesma fé ou o conjunto dos membros da comunidade, mas também aqui este conceito assume um significado mais delimitado – os irmãos são os missionários ou apóstolos enviados às urgências das comunidades²⁵ que saúdam ou se despedem da comunidade. Em Ef 6,23; Col 4,15 a saudação da paz "aos irmãos" é mais ambígua pois Paulo coloca-se na condição de emissário. Em Antioquia (cf. Act 15,40) os irmãos são "os profetas e os doutores" por quem Paulo e Barnabé tinham há pouco sido enviados e encomendados à graça de Deus. Trata-se de colegas na missão cristã.

Gaio e Aristarco da Macedónia são "synékdēmos" de Paulo (companheiros de viagem do apóstolo: cf. Act 19,29), e tal como Paulo tirados do povo para com Paulo viver no meio do povo, de acordo com a própria etimologia do termo. O caminho cristão é o lugar da escolha. Andrónico e Júnias são "syggēneis" (congêneres) e companheiros de prisão ("synaikmalôtós") do apóstolo (cf.

23 Neste sentido ver W. MICHAELIS, "συγγενής", *TWNT* VII (1964) 742; *GLNT* XII (1979) 1415. Ao invés, a versão siríaca da peshitta traduz com o conceito de "meus irmãos" (ahynay ܐܚܝܐ). Mas a versão sahídica mantém o "συγγενεις" grego com o copta 𐩪𐩣𐩨𐩠𐩢𐩨𐩠.

24 Cf. H. STRATHMANN, "leitourgós", *TWNT* IV (1942) 238; *GLNT* VI (1970) 632.

25 Cf. E. EARLE ELLIS, "Paul and his co-workers", *NTS* 17 (1971) 446.

Rom 16,7). A companhia não é somente na fé mas no quotidiano, seja ela de viagem ou de prisão, de ventura ou de dificuldade. A fé é testada no quotidiano da Igreja nascente.

Paulo evita ter no seio dos seus companheiros os "profetas". Paulo é muito pouco entusiasta dos enviados místicos ou pneumáticos. Com efeito, para um homem racional como Paulo nem todos podem ser seus colaboradores. Este problema agudizou-se nas comunidades gregas. Em Corinto, por exemplo, existia entusiasmo a mais, do qual Paulo é extremamente crítico. Paulo critica os cultos pneumáticos ou falsamente pneumáticos²⁶. Paulo quer a todo o custo (cf. 1 Cor 12,1; 14,1) evitar os chamados cultos humanos ou cultos da figura humana, pois isso representa sem mais o regresso da idolatria. Estes falsos profetas tornam-se deste modo em falsos apóstolos.

Não encontramos presbíteros nas cartas autênticas de Paulo. Em vez deles Paulo recorre à figura do "προιστάμενος", aquele que tem o carisma da αντίληψις (ajuda) e da κυβέρνησις (governo de liderança). Paulo e Barnabé serão sucedidos pelos "anciãos", pelos mais velhos, pela escolha mais fácil de adoptar a inspiração sinagoga (cf. 1 Tim 4,14; 5,1.17.19.22)²⁷.

O "evangelista" ou "evangelizador" não é um transportador de oráculos grego, mas um anunciador de uma notícia de alegria, um "mebasser"²⁸. Filipe é um evangelista em Act 21,8, Timóteo em 2 Tim 4,5; Flp 2,22-25. Este grupo deverá ter sido bastante mais numeroso do que aquilo que os textos permitem pensar (cf. Flp 4,3; 2 Cor 8,18; Col 1,7). Timóteo surge nesta função como dirigente da comunidade em 2 Tim 4,5, o que significa que se trata de uma colaboração quer na itinerância da pregação quer no trabalho estável e local da comunidade.

Próximos destes companheiros situam-se os "didaskaloi" (mestres ou doutores). Visto que os profetas e os apóstolos representam dois grupos distintos, dado que os primeiros foram mais entusiastas e os segundos mais enviados para a missão da itinerância da pregação ou do anúncio e do ensino, então este grupo dos mestres constituirá um grupo não entusiasta e não tão peregrino²⁹. Estaremos, portanto, diante de um grupo de colaboradores mais fixos, estáveis no seio da própria comunidade e com a função de ensinar. Pretendem deste modo edificar a comunidade não à maneira entusiasta ou baseada em falsos espiritualismos, mas com base na clareza e na seriedade

"so kann es sich in den διδάσκαλοι nur um Männer handeln, die die Gemeinde ,unpneumatisch', also aus klarer, selbstständiger Einsicht heraus bauen"³⁰.

26 Cf. K. H. RENGSTORF, "ἀποστέλλω, ἀπόστολος", *TWNT* I (1933) 441; *GLNT* I (1984) 1178.

27 Cf. GÜNTHER BORNKAMM, "πρεσβύς D", *TWNT* VI (1959) 667; *GLNT* XI (1977) 127.

28 Cf. G. FRIEDRICH, "εὐαγγελίζομαι, εὐαγγελιστής", *TWNT* II (1935) 734; *GLNT* III (1967) 1103.

29 Cf. K. H. RENGSTORF, "διδάσκω", *TWNT* II (1933) 161; *GLNT* II (1966) 1152.

30 Cf. K. H. RENGSTORF, "διδάσκω", *TWNT* II (1933) 161; *GLNT* II (1966) 1152.

Paulo não quer como companheiros os "monodidaskaloi" em 1 Tim 1,6-7 (ὁὖν τινες ἀστοχῆσαντες ἐξετράπησαν εἰς ματαιολογίαν ὅτι θέλοντες εἶναι νομοδιδάσκαλοι, μὴ νοοῦντες μήτε ἃ λέγουσιν μήτε περὶ τίνων διαβεβαιοῦνται). Eram especialistas em erros confrontados pelos próprios discípulos. Os "monodidaskaloi" não compreendem o carácter anfibológico e antanáclico do conceito "nomos" (lei). No fundo pretendem somente impor a sua lei não se dando conta que existe uma hermenêutica jogada no espaço que vai da comunidade ao crente e de ambos a Deus e à realidade.

Outros companheiros são co-estrategas "pastorais" de Paulo, ajudam Paulo no trabalho de inculturação, cooperam com ele na difícil missão de retradução do evangelho de Jesus para uma cultura outra, numa outra linguagem. Esta partilha das estratégias mais adequadas para a missão, levada até ao fim, faz Paulo encontrar-se com *lutadores* como ele, com *combatentes* pela fé. É o caso de Flm 2: Paulo deixa a saudação da paz a Filémon (amado e cooperador de Paulo), à irmã Áfia e a Arquipo "nossos co-soldados (*sustratiôtai*) de lutas, e à igreja que está em tua casa". Áfia e Arquipo são soldados da fé junto de Paulo, combatem pelo evangelho. Na mesma carta encontramos "Marcos, Aristarco, Demas e Lucas, meus cooperadores (*synergói*)" (Flm 24). Em Ef 6,21 e Col 4,7 Tíquico é um "diácono fiel e um co-servo (*sundoulos*) no Senhor". Tem a incumbência de ir ter com os irmãos para os fortalecer dando corpo a uma missão de itinerância pregacional e catequética. Ser companheiro de Paulo pressupõe o trabalho de fortalecimento na fé e de encorajamento da sede das decisões (o coração), do pensamento e da vontade. Tíquico apresenta-se por isso com a missão de "paráclito" ("que ele *parakalêsê* [fortaleça] os vossos corações"). Em Col 4,11 Paulo recorda aqueles que se tornaram para ele um lenitivo, ocasião de gozo ainda maior pelo facto de serem provenientes da tradição judaica: "... e Jesus, conhecido por Justo, os quais são os únicos da circuncisão que cooperam ("synergoi") pessoalmente comigo pelo reino de Deus. Eles têm sido o meu conforto". Com efeito, a missão dos companheiros também passa pelo consolo.

Alguns destes títulos são retomados no final da carta aos Romanos, a última que o apóstolo escreveu (cf. Rom 16,21: "Saúda-vos Timóteo, meu cooperador (*synergós*), e Lúcio, Jasão e Sosípatro, meus parentes ([congéneres] *syggenêis*)". Aí são-nos apresentadas algumas colaboradoras do apóstolo, das quais a mais famosa será provavelmente Febe a *diaconisa* da Igreja de Kêncreas (cf. Rom 16,1)³¹. Isto configura uma novidade radical face à anterior tradição judaica. Estamos, portanto, diante de uma *companhia mista*. À comunidade de Filipos, Paulo pede que as suas companheiras Evódia e Síntique sejam auxiliadas, não abandonadas nem deixadas à sua

sorte: "... também peço que as auxílies, pois juntas trabalharam atleticamente (*synêthlêsan*) comigo no evangelho, juntamente com Clemente e com os demais cooperadores (*synergôn*) meus, cujos nomes se encontram no livro da vida" (Flp 4,3). Um certo homem circuncidado chamado Justo é também um *συνεργός* εἰς τὴν βασιλείαν τοῦ θεοῦ (Col 4,11) ao ponto de se tornar num conforto para o próprio apóstolo. Em 1 Cor 3,9 o título "synergós" equivale ao de "diácono" de 3,5³² e em 1 Cor 16,16 Estefano dedicou-se arduamente à diaconia da comunidade agregando-se ao trabalho de evangelização de Paulo. É o mesmo tipo de serviço realizado por uma certa Maria em Rom 16,6, por Trifaina, Trifósia e Pérsida (v.12). Trata-se de uma *companhia copiosa* (ὡκοπιᾶω), isto é, laboriosa.

Na lista dos carismas de Rom 12,6-8 (ἔχοντες δὲ χαρίσματα κατὰ τὴν χάριν τὴν δοθείσαν ἡμῖν διάφορα, εἴτε προφητεῖαν κατὰ τὴν ἀναλογίαν τῆς πίστεως, ἢ εἴτε διακονίαν ἐν τῇ διακονίᾳ, εἴτε ὁ διδάσκων ἐν τῇ διδασκαλίᾳ, ἢ εἴτε ὁ παρακαλῶν ἐν τῇ παρακλήσει· ὁ μεταδιδούς ἐν ἀπλότητι, ὁ προϊστάμενος ἐν σπουδῇ, ὁ ἐλεῶν ἐν ἰλαρότητι) o particípio verbal *προϊστάμενος* aparece sem complemento ("aquele que preside faça-o com diligência" v.8). Para Hermann Hauser, visto que o carisma que precede – o da distribuição – e o carisma que sucede – o da misericórdia – são carismas de ordem caritativa, será possível "ver nesta presidência a intendência mais social isto é, a direcção das obras caritativas da comunidade" de Roma ou de outras comunidades³³. A partir daqui, este professor da Universidade de Nairobi tenta definir o ministério de Febe, se bem que demasiado dependente deste contexto hermenêutico. O substantivo feminino *προστάτις* é a forma feminina do particípio verbal da função de *προστατής* do mundo verbal de *προϊστάμενος* aplicado a Febe. O que leva este autor a concluir que Febe poderá ter sido uma espécie de protectora, de líder para alguns cristãos e para os visitantes (dentre os quais o próprio Paulo), com a responsabilidade da organização – ou *intendência* – do serviço caritativo³⁴, num sentido muito prático. Com efeito, neste texto Paulo preocupa-se com a vida da comunidade local, mas não só nesse âmbito. É verdade que, tal como em 1 Cor 12,28 (Καὶ οὗς μὲν ἔθετο ὁ θεὸς ἐν τῇ ἐκκλησίᾳ πρῶτον ἀποστόλους, δεύτερον προφήτας, τρίτον διδασκάλους, ἔπειτα δυνάμεις, ἔπειτα χαρίσματα ἰαμάτων, ἀντιλήψεις, κυβερνήσεις, γένη γλωσσῶν), encontramos em Rom 12,6-8 uma ruptura na enumeração, pois depois da referência à exortação (*παρακλήσις*) nos vv.6-8a apontam-se as características dos que exercem esses carismas (simplicidade, zelo, misericórdia e alegria). Pelo que o dom da profecia, o carisma do ministério, do ensino e da exortação, todos

32 Cf. G. BERTRAM, "συνεργός", *TWNT* VII (1964) 872; *GLNT* XIII (1981) 204.

33 Cf. HERMANN HAUSER, *L'Église à l'Âge Apostolique*, [= LD 164], Paris, Cerf 1996, 83.

34 Cf. HERMANN HAUSER, *L'Église à l'Âge Apostolique*, 81.84.

31 Cf. K. ROMANIUK, "Was Phoebe in Romans 16.1 a Deaconess?", *ZNW* 81 (1990) 132-134.

eles precedidos de εἶτε (pois), formam um bloco à parte e podem por isso ser aproximados à tríade apóstolos, profetas e doutores. Daí que, nestes ministérios da palavra sobretudo, Paulo não necessitasse de mencionar o apostolado nem o diaconado, pois já se tinha apresentado em 1 Cor 3,5; 2 Cor 3,6; 6,4 como um diácono, um servo da *diaconia* do Senhor, na qual comungam variadíssimos dons (carismas), visíveis nas funções do ensino, da profecia, no ministério da palavra e no apostolado, ou seja, no serviço apostólico. Ora, é neste contexto que a *diaconia* de Febe surge marcada pela presidência, pela intendência e pela responsabilidade da pregação e do ensino, em oposição ao que pretende concluir Hermann Hauser.

Ao dirigir-se aos Gálatas, Paulo menciona brevemente aqueles que ensinam a palavra, pois deve-lhes ser assegurado o sustento material para tal missão (cf. Gal 6,6). Destes alguns são já tidos por todos como autoridade (δοκούντων) ao lado de Pedro em Jerusalém (cf. Gal 2,6). A colaboração com Paulo já se desenvolveu a este ponto.

2. A colaboração com Paulo

Os colaboradores de Paulo nomeados nas suas cartas ascendem a cerca meia centena, grupo do qual fazem parte colaboradoras e colaboradores. Nem todos têm as mesmas funções, nem a todos são dados os mesmos carismas, logo exercem diversos ministérios. Uns são mais estreitos colaboradores do que outros, como é normal na vida humana. Alguns acompanham o apóstolo mais de perto, não só na proximidade física, mas sobretudo na companhia espiritual e na comunhão dos sofrimentos do serviço do evangelho. Assim, Silvano (ou Silas: cf. Act 16,25), Tito e Timóteo atravessam todo o epistolário Paulino. São colaboradores mais permanentes. Outros são companheiros esporádicos como Apolo enviado a Corinto como embaixador (cf. 1 Cor 16,12; Act 18,24-26), ou como Priscila e Áquila em Corinto quando o recebem e o ajudam a fazer tendas (cf. Act 18,2,26; 1 Cor 16,19; Rom 16,3). Mas Epafrodito sofre com o apóstolo na condição de companheiro co-operador (de *synergós*) em Flp 2,25 (cf. vv.19-30). Por seu turno, Onésimo será recuperado por Paulo na prisão para seu *companheiro* a ponto de o considerar já um "filho" (Flm 10). Outros são companheiros apenas enquanto não encontram dificuldades no anúncio do evangelho ou na partilha da difícil missão de Paulo devido às evidentes contrariedades das condições culturais envolventes (cf. Act 13,13).

Alguns dos seus companheiros também se dedicam a colocar por escrito o pensamento do apóstolo das gentes, dando origem ao chamado *corpus paulinum* ao exercerem a figura do amanuense. O mais famoso de todos é

Tércio, pelos vistos o responsável pelos retoques editoriais finais no apêndice da carta aos Romanos (cf. Rom 16,22). O fruto desse *corpus* é resultado das embaixadas dos seus colaboradores mais directos. Assim surge o primeiro escrito do Novo Testamento. Quando Paulo não pode estar presente, então ausculta epistolarmente a comunidade enviando os seus representantes quer como recompensa e tributo quer como vigilantes que estimulam a comunidade³⁵. Neste sentido, em 1 Tes 3,2 "enviamos nosso irmão Timóteo, cooperador (*synergós*) de Deus no evangelho de Cristo, para confirmar-vos e exortar-vos em benefício da vossa fé". Timóteo é aqui o paradigma do companheiro de Paulo, enviado pelo apóstolo a cimentar a fé dos seus irmãos. Timóteo surge pela primeira vez no N.T. em Act 16,1 conquistado por Paulo na segunda viagem missionária do apóstolo. É natural de Listra, de pai grego e de mãe judia Eunice. Com esta ascendência afigura-se como personagem ideal para estabelecer diálogo entre a fé e a cultura envolvente da qual provém e na qual vive. Aparece associado ao trabalho evangelizador de Paulo em várias cartas (cf. 2 Cor, Col, 1-2 Tes, Flm). Surge ao lado do apóstolo na atractiva Atenas (cf. Act 17,14-15), está presente quando este foge para a populosa Corinto (cf. 18,5), quando passa na belíssima Éfeso (cf. 19,22), quando ajuda a levar a colecta para Jerusalém (cf. 20,4), é escolhido para várias missões consideradas difíceis ou diplomaticamente exigentes (cf. Rom 16,21; 1 Cor 16,10). É Timóteo o enviado à grande cidade de Corinto (cf. 1 Cor 4,17) – a amada e difícil cidade para Paulo da província da Acaia. Timóteo é o único a quem Paulo pode recorrer para saber da vida dos seus irmãos da cidade grega e romana de Filipos quando está preso (cf. Flp 2,19-24). É ele que vai e vem à comunidade de Tessalónica (cf. 1 Tes 3,2-6). São os ecos deste anúncio do Evangelho na segunda viagem missionária de Paulo, na primeira passagem deste pela Grécia e pela Macedónia, que dão origem ao primeiro escrito do N.T. que conhecemos – 1 Tes.

Timóteo, o seu preceptor Paulo tocado a caminho de Damasco e os respectivos companheiros optam preferencialmente pelo anúncio do Evangelho nos grandes centros urbanos, onde circulam as pessoas, as ideias mais recentes e em voga. A confraria paulina é uma companhia urbana. Aí também a fé tem de se dizer, e porque são homens de fé têm coragem para tal. Paulo recorda Timóteo com grande afecto e evoca o leite materno de gerações crentes que foi dado ao seu *dilecto* e *fiável filho* gerado na fé por meio do Evangelho (cf. 1 Cor 4,17; 1 Tim 1,2). Com efeito, Timóteo herda a fé da avó Lóide e da mãe Eunice (cf. 2 Tim 1,5), o que o torna um grande conhecedor das Escrituras hebraicas³⁶. Sabemos que os irmãos de Listra e da actual

35 Cf. H. W. BEYER, "δὸ λακονέω", *TWNT* II (1935) 89; *GLNT* II (1966) 972.

Konya o estimam (cf. Act 16,2; 15,22). Paulo faz este seu novo companheiro ser circuncidado em Act 16,3 para que ele inculte verdadeiramente o evangelho e assim não cause escândalo ou perplexidade a algumas sensibilidades. Ser companheiro de Paulo implica entrar totalmente na cultura da comunidade destinatária do evangelho. É a pedagogia da missão. Timóteo (re)conhece-se por esta via como membro de uma história que vem de longe e que pode fazer sua. Possui, por conseguinte, uma memória e um futuro. Provavelmente por isso terá algumas responsabilidades na organização do anúncio do Evangelho aos grupos cristãos das comunidades da Licaónia e terá sido escolhido por Paulo por estas prerrogativas, as quais permitem que Timóteo seja colocado à frente das comunidades na condição de líder. A mesma condição é explorada por Barnabé e Silas (*líderes* da comunidade de Antioquia, ἡγουμένους ἐν τοῖς ἀδελφοῖς Act 15,22). Mas Timóteo não é chamado "apóstolo". Em vez disso é o "irmão" (cf. 2 Cor 1,1; Col 1,1; Flm 1), é o "doulos" de Deus (cf. 1 Tim 3,2), é "co-activador" (1 Tes 3,2). Os apóstolos são *enviados* em 1 Cor 12,28 a partir de Cristo e não porque a comunidade assim o queira³⁷. Isto é visível no facto de que só é enviado aquele que se encontrou com Cristo. Não se trata de uma mera designação para uma função. O apóstolo não é um simples emissário ou carteiro. O apostolado assume uma valência religiosa efectiva³⁸ derivada desse encontro pessoal com o Senhor. O apóstolo pode também ser o encarregado de uma comunidade³⁹, como são os "apóstolos das Igrejas" em 2 Cor 8,23. Assim, Epafrodito é apóstolo da Igreja de Filipos (cf. Flp 2,25), tal com Tiago irmão do Senhor o é em Jerusalém (cf. Gal 1,10) e o grupo alargado de apóstolos em 1 Cor 15,7.

Um outro grande companheiro de Paulo ao longo das suas viagens é Tito (cf. 2 Cor 8,16). Paulo escolhe-o porque ele apresenta uma grande "spoudên" (é expedito, diligente), o que insinua o carácter pragmático do apóstolo das gentes. É este carácter expedito que Paulo solicita aos seus colaboradores mais directos. Paulo reclama um espírito atento à realidade e ágil. Só assim será possível cumprir os desafios de 2 Cor 8,19: "E não só isto, mas foi também eleito pelas igrejas para ser nosso companheiro no desempenho desta *graça ministrada* por nós, para a glória do próprio Senhor e para mostrar a nossa boa vontade". Paulo estabelece uma diferenciação entre os seus companheiros mais próximos e todos os outros irmãos em Cristo em 2 Cor 8,23: "Quanto a Tito, é meu *comum partilhador* (*koinóns*) e cooperador (*synergós*) convosco; quanto a nossos irmãos, são mensageiros (*apostoloi*) das Igrejas e glória de Cristo". É de notar como Paulo distingue os seus colaboradores mais próximos

37 Cf. RINALDO FABRIS, *Paolo L'Apostolo delle Genti*, Milano, Paoline 1987, 212.

38 Cf. K. H. RENGSTORF, "ἀποστέλλω, ἀπόστολος", *TWNT* I (1933) 423; *GLNT* I (1984) 1132.

39 Cf. K. H. RENGSTORF, "ἀποστέλλω, ἀπόστολος", *TWNT* I (1933) 432; *GLNT* I (1984) 1154.

dos restantes "irmãos": estes são significativamente enviados ("apóstolos") e são em si mesmo uma graça que vem de Cristo ou a graça de Cristo encarnada e bem visível (o nominativo permite ambas as traduções). Os colaboradores de Paulo na condição fraterna (não subalterna) são uma *glória de Cristo* (acerca dele e do próprio Cristo, bem como a graça referida directamente a Cristo).

Há um trabalho a que os seus parceiros o obrigam. Paulo sente a necessidade de fortalecer os seus irmãos na fé. Para tal olha para o lugar teológico que os seus próprios colaboradores constituem. Os companheiros de Paulo estimulam teologicamente o apóstolo, daí resultando as primeiras grandes sínteses teológicas do Novo Testamento. Para lá do funcionalismo, subsiste uma tarefa ingente e permanente da fé que o próprio Paulo detecta no seio dos seus confrades: a retradução da mensagem de Jesus e a respectiva reflexão precisamente para fornecer instrumentos de diálogo aos seus companheiros no meio do mundo e ao encontro desse mundo. É a fé ao encontro da cultura. A relação personalizada destes companheiros com Paulo confere-lhes um estatuto de confrades que os retira permanentemente da diluição da sua actividade numa organização composta por um conjunto de serviços, como recorda Medard Kehl⁴⁰. É companheiro de Paulo nem tanto aquele que tem ou executa uma função específica, mas aquele que crê e que não vacila na fé. Essa é a verdadeira companhia. Esta consequência abre Paulo e a Igreja ao mundo. Paulo nunca usa o termo "discípulo" pois nunca pretendeu construir para si um grupo de prosélitos. Mas viveu com muitos associados ao seu trabalho missionário. Se juntarmos os Actos e todo o epistolário paulino chegamos quase à centena de colaboradores do apóstolo, dos quais só cerca de uma terça parte saberemos a função mais específica que lhe está assignada. Destes alguns tornaram-se mais conhecidos porque mais presentes. Assim, Marco e Tito acompanham o apóstolo no chamado período antioqueno, enquanto que Timóteo, Áquila e Priscila, Aristarco, provavelmente um certo Lucas e Erasto durante o período grego da segunda viagem missionária do apóstolo à Europa. Demas, Epafros (diácono: cf. Col 1,7), Tíquico (diácono: cf. Ef 6,21) e Trófilo acompanham-no no período romano.

Não estão preocupados os companheiros de Paulo em manter uma estrutura. Vão surgindo conforme as necessidades e a vocação a que são chamados de acordo também ela com os carismas recebidos, colocando sempre como ponto de partida os interesses do Espírito. A permanência dos serviços decorre da permanência da vocação do Espírito. Paulo, é verdade, escolhe alguns. Muitos outros são escolhidos pelo Espírito e pelas próprias comunidades que providenciam assim às suas necessidades. Mas são escolhidos. São companheiros depois de um encontro pessoal, ora com o

40 Cf. K. H. RENGSTORF, "ἀποστέλλω, ἀπόστολος", *TWNT* I (1933) 422; *GLNT* I (1984) 1128.

apóstolo, ora com o Espírito, ora com a comunidade. Não são companheiros por decreto ou porque Paulo abriu umas vagas para um certo tipo de cargos.

A companhia de Paulo não é uma companhia colegial, mas sinodal. Com este último adjectivo traduzir-se-á melhor a comunhão instituída e vivida de Paulo com as comunidades, das comunidades com Paulo, dos seus companheiros consigo e de Paulo com os seus companheiros. Neste sentido, os companheiros e companheiros de Paulo não são um colégio à parte, mas vivem o mesmo caminho (*syn-odos*) uns dos outros. Por isso, a nomenclatura diaconal da companhia paulina é do foro não do direito mas da missão, tal como o é para o próprio Jesus que veio para servir e não para ser servido. Assim, alguns diáconos são apóstolos, enviados em missão na condição de "Gottes Beaufragte"⁴¹. A permanência do serviço da diaconia distingue-se nesta missão pela sua itinerância nas primeiras comunidades paulinas. Este é o seu carácter permanente.

A família consegue ser igualmente uma companhia permanente de Paulo. Os companheiros do apóstolo constituem uma companhia familiar onde Paulo gosta de estar. As referências familiares contextualizam vários dos colaboradores e colaboradoras de Paulo, dos diáconos e das diaconisas do Apóstolo ou como o Apóstolo. Este contexto é muito importante, pois marca a companhia paulina como uma família e não como uma porção do "povo de Deus", expressão que nunca aparece em Paulo para pensar a Igreja. A companhia de Paulo é uma família, e como qualquer família Paulo utiliza os meios todos que o mundo lhe oferece para dar Jesus ao mundo, quer os meios de transporte quer os meios de comunicação, quer o próprio meio familiar enquanto tal. A família é o meio paulino privilegiado da experiência da comunhão. Neste sentido, cumpre perfeitamente o repto heideggeriano de fazer com que o ser (de Deus) aceda constantemente à linguagem. Subsiste, por isso, como é próprio das relações familiares, uma indefinição quanto ao alcance objectivo ou preciso das diversas funções. Os diáconos por vezes parecem substituir os presbíteros (como é o caso da comunidade de Filipos), parecem acompanhar a figura supervisora do *episkopos*, ou até mesmo presidir aos destinos da Igreja doméstica de Roma na pessoa da diaconisa Febe em Rom 16,1. Esta variedade de funções para o mesmo carisma (que não necessariamente "ordem") leva logicamente a uma dispersão de funções, ainda que algumas se possam apresentar como mais comuns ou marcantes. Neste contexto, conclui justamente Jürgen Roloff acerca de um modelo estrutural definido

"es gibt im Neuen Testament weder eine einheitliche Lehre vom 'Amt' noch ein allgemeingültiges Strukturmodell vom Ämtern bzw. Diensten"⁴².

41 Como reconhece igualmente CAROLYN OSEK, "Diakon / Diakonisse / Diakonat", *RGK* II (1999) 783.

42 JÜRGEN ROLLOFF, "Amt IV Im Neuen Testament", *TRE* II (1977) 510.

3. O diaconado ao longo de todo o Novo Testamento

Os restantes textos do Novo Testamento são sobretudo a inspiração para a diversidade de serviços que a figura do diácono assume hoje nas nossas comunidades, nos quais fica na penumbra a missão do ensino e a condição *permanente* da itinerância paulina. O texto fundamental da *Lumen Gentium* 29 é expressão disso mesmo, delegando na figura canónica do diácono um conjunto de competências:

"In gradu inferiori hierarchiae sistunt Diaconi, quibus "non ad sacerdotium, sed ad ministerium" manus imponuntur. Gratia etenim sacramentali roborati, in diaconia liturgiae, verbi et caritatis Populo Dei, in communione cum Episcopo eiusque presbyterio, inserviunt. Diaconi est, prout ei a competenti auctoritate assignatum fuerit, solemniter baptismum administrare, Eucharistiam servare et distribuere, matrimonio Ecclesiae nomine adsistere et benedicere, Viaticum moribundis deferre, fidelibus sacram legere Scripturam, populum instruere et exhortari, fidelium cultui et orationi praesidere, sacramentalia ministrare, ritui funeris ac sepulturae praeesse. Caritatis et administrationis officiis dediti, meminerint Diaconi moniti Beati Polycarpi: "Misericordes, seduli, incedentes iuxta veritatem Domini, qui omnium minister factus est"⁴³.

Este esforço de delimitação de tarefas dos diáconos nas comunidades eclesiais actuais acontece numa visão que liga a figura do diácono à comunidade local onde lhe poderão ser atribuídas várias tarefas, de entre uma gama muito diversificada de trabalhos apostólicos. Neste contexto, continuará Paulo VI na sua carta apostólica em forma de *Motu Proprio Sacrum Diaconatus* de 18 de Junho de 1967, n.º 22-24 a propósito da restauração do diaconado permanente na Igreja latina. Aí encontramos uma gama muito diversa de serviços para o diácono exercer no seio da comunidade eclesial:

22 Secundum memoratam Concilii Vaticani II Constitutionem, diaconi est, quatenus loci Ordinarius haec ipsa expedienda commiserit:

- 1) Inter actiones liturgicas episcopo et presbytero adesse in omnibus, quae rituales varii ordinis libri eidem attribuunt;
- 2) baptismum sollemni ritu administrare atque omissas caeremonias super baptizatum sive infantern, sive adultum supplere;
- 3) Eucharistiam asservare, sibi ceterisque distribuere, eam in viaticum morientibus afferre, atque eucharisticam benedictionem,

43 AAS 57 (1965) 36.

quam dicunt, cum sacra pyxide populo impertire;

4) ubi sacerdos deest, Ecclesiae nomine matrimoniis celebrandis assistere et benedicere ex delegatione episcopi vel parochi, ceteris servatis, quae in C. I. C. iubentur (Cf cann. 1095 § 2; et 1096) atque firmo manente can. 1098, ubi quae de sacerdote dicuntur, ea de diacono etiam sunt intellegenda;

5) sacramentalia ministrare, funeris ac sepulturae ritibus praeesse;

6) divinos Scripturae libros fidelibus legere, populumque edocere et adhortari;

7) religiosi cultus officiis et supplicationibus praesidere, ubi sacerdos non adest;

8) verbi Dei celebrationes moderari, ubi praesertim sacerdos deest;

9) caritatis et administrationis officiis atque socialis subsidii operibus, Hierarchiae nomine, perfungi;

10) parochi et episcopi nomine, dissitas christianorum communitates legitime regere;

11) apostolica laicorum opera fovere et adiuvere.

23 Quae omnia munera in perfecta cum episcopo eiusque presbyterio communione exsequenda sunt, videlicet sub auctoritate episcopi et presbyteri, qui eo loci fidelium curae praesunt.

24 In Consiliis Pastoralibus diaconi, ut fieri potest, suam partem habeant⁴⁴.

Esta localização ou feudalização do diácono à figura da comunidade, de modo estável e permanente, é asseverada num outro documento mais recente de 1998 sobre os diáconos permanentes. Estes servem na liturgia, na palavra e no serviço da caridade

"7. Prout gradus Ordinis sacri, diaconatus characterem imprimit et specificam gratiam sacramentalem communicat. Character diaconalis est signum configurativum-distinctivum animae modo indelebili impressum, quod sacro ordine auctos configurat Christo, qui diaconus, ideoque servus omnium, factus est. Ipse secum fert specificam gratiam sacramentalem, id est vim, vigorem specialem, donum ad novam condicionem rerum vivendam per sacramentum operatam. « Diaconi vero gratia sacramentali roborati, in diaconia liturgiae, verbi et caritatis Populo Dei, in communione cum Episcopo

44 PAULO VI PP., *Litterae Apostolicae Motu Proprio Datae Sacrum Diaconatus* de 18 de Junho de 1967", AAS 59 (1967) 701-702. No mesmo sentido, esta delimitação do âmbito das funções diaconais reaparecem cinco anos depois em PAULO VI PP., *Litterae Apostolicae Motu Proprio Datae Ad Pascendum* de 15 de Agosto de 1972", AAS 64 (1972) 535; IDEM, *Litterae Apostolicae Motu Proprio Datae Ministeria Quaedam* de 15 de Agosto de 1972", AAS 64 (1972) 529-534, mas a partir da *Tradição Apostólica* 34.39 de Hipólito e da *Apologia* I,65.5; 67,5 de S. Justino.

eiusque presbyterio, inserviunt ». Sicut in omnibus sacramentis characterem imprimunt, gratia permanentem virtutem vim continet. Eo gradu floret et reflorescit quo in fide accipitur atque iterum iterumque recipi solet⁴⁶.

Esta diaconia é traduzida, à semelhança do ministério presbiteral / episcopal, nos três múnus: do ensino, do governo e da santificação

"nº9 Ministerium diaconale distinctum est exercitio trium munerum, ministerio ordinato propriorum, in specifica luce diaconiae. Ad munus docendi quod attinet, diaconus deputatus est ad proclamandam Scripturam atque ad populum instruendum et exhortandum. Quod quidem elucet ex libri Evangelii traditione, in ipso ordinationis ritu praescripta. Diaconi munus sanctificandi impletur orationi assidue insistendo, baptisma sollemniter administrando, matrimonio adssistendo idemque benedicendo, Eucharistiam servando et distribuendo, ritui funeris et sepulturae praesidendo necnon sacramentalia dispensando. Quo pacto apparet, quomodo ministerium diaconale ex Eucharistia procedat ad eandemque redeat, nec in mero servitio sociali exauriri possit. Munus regendi denique exercetur per deditionem operibus caritatis, per auxilia ferenda, per religiosam vitam in communitate vel in particularibus eius coetibus fovendam, peculiari respectu habito ad caritatem, quae praeeminenter diaconalis ministerii notam constituit⁴⁸.

Apenas por via da espiritualidade diaconal é que o diácono contemporâneo recebe a vocação de proximidade à Palavra de Deus no nº74 deste documento

"nº74. Aliud elementum specificum spiritualitatis diaconalis est verbum Dei, ad quod diaconus ex officio praedicandum vocatus est et quidem ita, ut quod proclamat credat, doceat quod credit atque vivat quod docet. Ideoque necesse erit ut candidatus verbum Dei semper profundius discat et cognoscat atque inibi suae spiritualis vitae alimentum incessanter quaerat assiduo et ardenti studio necnon quotidiano exercitio lectionis divinae⁴⁷.

Para lá do epistolário paulino, a figura diaconal atravessa outras margens do Novo Testamento, quer na praia do substantivo quer na orla do verbo.

45 CONGREGATIO DE INSTITUTIONE CATHOLICA – CONGREGATIO PRO CLERIS, "Ratio fundamentalis diaconorum permanentium de 22 de Fevereiro 1998", AAS 90 [1998] 846; cf. IDEM, "Directorium pro ministerio et vita diaconorum permanentium", AAS 90 [1998] 879-927.

46 Cf. CONGREGATIO DE INSTITUTIONE CATHOLICA – CONGREGATIO PRO CLERIS, "Ratio fundamentalis diaconorum permanentium de 22 de Fevereiro 1998", AAS 90 [1998] 847.

47 CONGREGATIO DE INSTITUTIONE CATHOLICA – CONGREGATIO PRO CLERIS, "Ratio fundamentalis diaconorum permanentium de 22 de Fevereiro 1998", AAS 90 [1998] 873.

Depois de um breve voo pela utilização canónica do conceito de *diaconia* e de *diácono* há agora que reler o Deus da *diaconia* à luz da restante tradição neo-testamentária. Em 1 Cor 12,28 é uma graça, um talento, um dom (cf. Rom 12,7)⁴⁸ o ofício do serviço (a *diaconia*), seja ele qual for e como o entendem, ainda que não surja aqui na emergente comunidade de Corinto a referência ao diácono, apesar de reaparecer em 2 Cor 6,4; 11,15.23, o que permite relê-lo na itinerância. A *diaconia* é realizada por outros ministérios que não os da *diaconia*, ainda que todos assim sejam compreendidos ao serviço da comunidade

1 Cor 12,²⁸ Καὶ οὗς μὲν ἔθετο ὁ θεὸς ἐν τῇ ἐκκλησίᾳ πρῶτον ἀποστόλους, δεύτερον προφήτας, τρίτον διδασκάλους, ἔπειτα δυνάμεις, ἔπειτα χαρίσματα ἰαμάτων, ἀντιλήψεις, κυβερνήσεις, γένη γλωσσῶν.
²⁹ μὴ πάντες ἀπόστολοι; μὴ πάντες προφῆται; μὴ πάντες διδασκαλοὶ; μὴ πάντες δυνάμεις; ³⁰ μὴ πάντες χαρίσματα ἔχουσιν ἰαμάτων; μὴ πάντες γλώσσαις λαλοῦσιν; μὴ πάντες διερμηνεύουσιν; ³¹ ζηλοῦτε δὲ τὰ χαρίσματα τὰ μείζονα. Καὶ ἔτι καθ' ὑπερβολὴν ὁδὸν ὑμῖν δείκνυμι.

Apesar desta lista, Clemente de Roma apresentará em terceiro lugar o grupo dos diáconos a seguir aos apóstolos e aos bispos (cf. 1 Clem 42,1). Os diáconos no Pastor de Hermas (*Vis* III.5.1) são colocados ao lado dos profetas e dos doutores, tal como sucede na Did 15,1 ("escolhei bispos e diáconos"), o mesmo é dizer 'escolhei bispos, profetas e doutores'. Os diáconos só serão subalternizados com o surgimento do episcopado monárquico.

Na tradução dos LXX o uso do substantivo (e apenas este porque não existe o verbo) é extremamente parcimonioso, e somente em textos tardios. Em 1 Mac 11,58 a *diaconia* é literalmente uma *mesa*. Na concepção monárquica e piramidal da sociedade no livro de Ester, os diáconos são sempre os *servos* do rei (cf. Est 1,10; 2,2; 6,3.5). Este tipo de servos, de diáconos, é o mesmo referido na parábola do banquete em Mt 22,13. Em 4 Mac 9,17 corresponde a um *criado de uniforme*. No entanto, mesmo sendo todos servos (servidores) do rei Artaxerxes no livro de Ester, o grupo é diferenciado. Em Est 1,10 trata-se dos sete eunucos (τοῖς ἑπτὰ εὐνούχοις τοῖς διακόνοις τοῦ βασιλέως Ἀρταξέρξου שְׁבַע הָעֲבָדִים הַמְּלָכִיִּים הַמְּלָכִיִּים הַמְּלָכִיִּים הַמְּלָכִיִּים הַמְּלָכִיִּים הַמְּלָכִיִּים הַמְּלָכִיִּים) que ministram no templo ou na corte, enquanto que em Est 2,2; 6,3.5 TM estamos perante um grupo de rapazes que ministram (√שר) diante do rei (שָׂרָא הַמֶּלֶךְ הַמְּלָכִיִּים הַמְּלָכִיִּים הַמְּלָכִיִּים הַמְּלָכִיִּים הַמְּלָכִיִּים הַמְּלָכִיִּים).

Ao contrário, no Novo Testamento são muito mais frequentes quer o substantivo abstracto de "serviço (διακονία), quer o de função (διάκονος), quer o verbo (διακονέω). Em Lc 17,8 exercer a *diaconia* é servir à mesa a mando do senhor da casa que ordena ao seu escravo (ou criado) para o servir (διακονεῖν)

no imperativo presente. Indefinido é o presente deste verbo em 1 Ped 4,11 e em Jo 12,26 ("servir Jesus"). Espiritualmente e discipularmente, em S. João *diaconar* significa *ir com Pedro, seguir Pedro* como discípulo atrás de Jesus. O *diaconar* Jesus em Jo 12,26 é um acolitado no primigénio sentido bíblico do termo. Se até aqui significa servir para providenciar alimento, aqui evoca o ensinamento do próprio Jesus, uma "Wortendienst"⁴⁹. *Diaconia* é ir para Jesus. Em Flm 13 Onésimo *diaconiza* para Paulo enquanto (que) este está preso. Com o mesmo verbo no futuro, será o senhor a servir o seu criado em Lc 12,37 (διακονήσει). O mesmo Paulo em 2 Cor 3,3 elogia a comunidade como sendo ela mesma "uma carta inscrita *servida* (διακονηθεῖσα) através de nós". O mesmo verbo, agora não no particípio aoristo mas no infinito aoristo passivo, descreve toda a vida de Jesus como um serviço daquele que veio "para servir [διακονῆσαι] e não para ser servido [διακονηθῆναι]" (Mt 20,28; Mc 10,45). Jesus vive a sua vida como uma *diaconia* até à cruz. Esta mesma *diaconia* entendida como serviço gratuito à humanidade e como serviço de *pregação* no seio dessa comunidade de Jerusalém é descrita como um serviço à comunidade de Sião por Paulo em Rom 15,31 ("vou a Jerusalém para *diaconar* os santos [διακονῶν, **ΕΔΙΑΚΟΝΙ ΝΝΕΤΟΥΛΛΕ**": cf. v.25). A *diaconia* de Heb 6,10 é uma *prova de amor* pelos santos (διακονήσαντες τοῖς ἁγίοις καὶ διακονοῦντες).

O serviço da casa é a semântica do *substantivo* para Marta no diálogo com Jesus acerca da sua irmã Maria (cf. Lc 10,40; Jo 12,2). Marta está muito atarefada com a *diaconia* da casa, com a lide da casa. O mesmo termo corresponde em vez disso em Act 6,4 à *diaconia da palavra*, ao serviço da palavra. Na segunda carta aos Coríntios, o serviço, a *diaconia* é recorrente. Paulo está no seio da comunidade como ministro da nova aliança, ao serviço diaconal dessa nova herança (2 Cor 3,6 διακόνους καινῆς διαθήκης, οὐ γράμματος ἀλλὰ πνεύματος· τὸ γὰρ γράμμα ἀποκτείνει, τὸ δὲ πνεῦμα ζωοποιεῖ). Paulo reconhece-se como servidor (διάκονος) desta aliança nova, um "Diener Christi" (como escreve Jürgen Roloff). A *diaconia* corresponde à solicitude pela nova herança e à missão de a anunciar. Em 2 Cor 3,8-9 a *diaconia* recorda a inspiração e a actividade de Deus na história

⁷ Εἰ δὲ ἡ διακονία τοῦ θανάτου ἐν γράμμασιν ἐντετυπωμένη λίθοις ἐγενήθη ἐν δόξῃ, ὥστε μὴ δύνασθαι ἀτενίσαι τοὺς υἱοὺς Ἰσραὴλ εἰς τὸ πρόσωπον Μωϋσέως διὰ τὴν δόξαν τοῦ προσώπου αὐτοῦ τὴν καταργουμένην, ⁸ πῶς οὐκ ἂν μάλλον ἡ διακονία τοῦ πνεύματος ἔσται ἐν δόξῃ; ⁹ εἰ γὰρ τῇ διακονίᾳ τῆς κατακρίσεως δόξα, πολλῶν μάλλον περισσεύει ἡ διακονία τῆς δικαιοσύνης δόξῃ.

48 Para uma visão mais local destes ministros e também dos diáconos ver E.-B. Allo, *Saint Paul Première Epître aux Corinthiens*, Paris 1934, 333; GIUSEPPE BARBAGLIO, *La Prima lettera ai Corinzi*, [= Scritti delle origine Cristiana 16], Bologna 1996, 683.

49 FOLKER SIEGERT, *Das Evangelium des Johannes in seiner ursprünglichen gestalten Wiederherstellung und Kommentar*, [Schriften des Institutum Judaicum Delitzshianum 7], Göttingen 2008, 465.

Mais à frente, a diaconia sintetiza toda a actividade evangelizadora do Apóstolo (cf. 2 Cor 6,3). Em 2 Cor 9,12, a diaconia é um serviço de liturgia (ἡ διακονία τῆς λειτουργίας ταύτης). Depois de um período de carestia e mesmo de fome durante o reinado de Cláudio, os discípulos decidiram enviar ajuda (*diakonia*) para a comunidade da Judeia (cf. Act 11,29). Mas logo a seguir em Act 12,25 Barnabé e Saulo regressam a Jerusalém para completar o serviço (*διακονίαν* eudiakonia) de anúncio do evangelho. Para tal levam um certo João chamado Marcos, que os abandonará no capítulo seguinte em Act 13,13. Sobre esta dimensão da pregação, Paulo é muito claro no discurso aos anciãos de Éfeso – a diaconia para ele é uma missão que lhe foi confiada pelo próprio crucificado de anunciar a Boa Nova (cf. Act 20,24: ἀλλ' οὐδενὸς λόγου ποιῶμαι τὴν ψυχὴν τιμίαν ἑμαυτῷ ὥς τελειῶσαι τὸν δρόμον μου καὶ τὴν διακονίαν ἣν ἔλαβον παρὰ τοῦ κυρίου Ἰησοῦ, διαμαρτύρασθαι τὸ εὐαγγέλιον τῆς χάριτος τοῦ θεοῦ), afinal a mesma advertência por palavras mais simples dirigidas por Paulo a Arquipo (cf. Col 4,17), a Timóteo (cf. 2 Tim 4,5) e com as quais desabafa em 1 Tim 1,12. Paulo até se regozija com esta missão que o Senhor lhe confiou (cf. Rom 11,13). Os primeiros convertidos da península da Acaia dedicaram-se ao serviço (*διακονία*) dos santos (cf. 1 Cor 16,15; 2 Cor 8,4; 9,1). Na mesma comunidade, a diaconia é entendida com um ministério que transporta um tesouro em vasos de barro (cf. 2 Cor 4,1), ao ponto de transportar neste tesouro o tesouro do ministério da reconciliação (cf. 2 Cor 5,18). Esta reconciliação estende-se à actividade de solidariedade com outras comunidades (cf. 2 Cor 9,13) para as quais Paulo leva essa mesma solidariedade (*διακονίαν*), esse tributo que reconcilia as divergências em nome de um serviço com uma forte carga espiritual e teológico⁵⁰. Mas é sintomático que este conceito equivalha mais tarde nas trito-paulinas e na carta aos Hebreus (cf. Heb 1,14) ao ministério do evangelizador ("ἔργον ποιήσων εὐαγγελιστοῦ, τὴν διακονίαν σου πληροφόρησον" 2 Tim 4,5.11) que o próprio diácono perfaz. Para este serviço são preciosos Lucas e Marcos para Paulo (v.11). Mais tarde ainda, no Apocalipse é a comunidade de Tiatira no seu todo que é diaconisa, é conhecida pela sua *diaconia* (cf. Ap 2,19) "an Gott und nicht den an anderen Menschen"⁵¹, apesar de não estar isenta de pecado ao proteger a perseguidora Jezabel. Em Act 1,15.25 a diaconia é uma missão de apostolado no qual é investido Matias. Esta diaconia sintetiza todo o trabalho de pregação e de evangelização de Paulo no encontro com Tiago em Jerusalém (cf. Act 21,19). Mas o mesmo Paulo distingue os carismas dos serviços (*diaconias*) em 1 Cor 12,5 pois todas as diaconias são carismas mas nem todos os carismas são diaconias⁵². Por isso, cada um

50 Cf. H. W. BEYER, "διακονέω", *TWNT* II (1935) 88; *GLNT* II (1966) 968.970.

51 AKIRA SATAKE, *Die Offenbarung des Johannes übersetzt und erklärt*, redaktionell bearbeitet von

é convidado em 1 Ped 4,10 a diaconar o seu carisma aos demais membros da comunidade (ἐκάστος καθὼς ἔλαβεν χάρισμα εἰς ἑαυτοὺς αὐτὸ διακονοῦντες ὡς καλοὶ οἰκονόμοι ποικίλης χάριτος θεοῦ). E finalmente, a diaconia será um dos critérios decisivos no juízo final (cf. Mt 25,44) conforme aquilo que cada um *diaconou*, conforme aquilo que cada um *fez*, *serviu* ou omitiu como serviço ao irmão, pecando nesse momento por omissão.

Os diáconos constituem um grupo visível e consistente nas trito-paulinas (cf. 1 Tim 3,8-13), mas a especificidade das suas tarefas surge algo indiferenciada

"Die Angaben über die Diakonenamt in dem Pastoralbriefen sind blass und unbestimmt (1 Tim 3,2.8.12) Dass sie an Katechese und Verkündigung beteiligt waren, ist wahrscheinlich (1 Tim 3,9), ebenso, trotz fehlender Belege dass sie eine Funktion bei der Mahlfeier hatten"⁵³.

A sua missão é precisa e genericamente "diaconar" (v.10). Nas proto-paulinas os diáconos afirmam o seu lugar no seio da diversidade de companheiros e de companheiras de Paulo no trabalho de evangelização, tarefa esta que os marca de modo indelével. Próxima da concepção de Est 1,10; 2,2; 6,3.5; 4 Mac 9,17 está a representação do diácono em Jo 2,5.9: trata-se apenas de um servente do noivo, de um criado. Como já foi referido, Paulo na condição de apóstolo, de enviado é literalmente um "diácono" (cf. 1 Cor 3,5; 2 Cor 6,4; 11,23). No entanto, Paulo adverte a comunidade contra os falsos profetas que se disfarçam de *diáconos* (cf. 2 Cor 11,15) anunciando-se a eles mesmos (problema ainda sentido no final do Novo Testamento em 1 Ped 1,12). Paulo é diácono do evangelho da promessa de Cristo por graça de Deus (οὗ ἐγενήθη διακονος κατὰ τὴν δωρεὰν τῆς χάριτος τοῦ θεοῦ τῆς δοθείσης μοι κατὰ τὴν ἐνέργειαν τῆς δυνάμεως αὐτοῦ Ef 3,7) no sentido em que é enviado para anunciar o evangelho. Nos sinópticos, o diácono surge como o discípulo ideal pois é aquele que dá a vida pelos seus amigos servindo-os e não querendo ser o primeiro (Mt 20,26 οὐχ οὕτως ἔσται ἐν ὑμῖν, ἀλλ' ὃς ἐὰν θέλῃ ἐν ὑμῖν μέγας γενέσθαι ἔσται ὑμῶν διάκονος cf. Mt 23,11; Mc 9,35; 10,43; Lc 22,26). E o diácono é o último. Este é o exemplo do grande diácono – Jesus (cf. Lc 22,27) – a quem os anjos servem permanentemente (cf. Mt 4,11) no episódio das tentações – que por este serviço de gratuidade é honrado pelo pai (cf. Jo 12,26), ainda que Cristo não seja "servidor do pecado" (*diácono do pecado*: Gal 2,17). Mas o diácono pode curiosamente ser o *primeiro* na própria pena de Paulo,

Thomas Witulski, [= Meyers Kritisch-exegetischer Kommentar über das Neue Testament 16], Göttingen 2008, 170.

52 Por isto, GIUSEPPE BARBAGLIO, *La Prima lettera ai Corinzi*, [= Scritti delle origine Cristiana 16], Bologna 1996, 683 distingue "povo" de "pão".

considerando-o mesmo um instrumento nas mãos de Deus ou das autoridades civis legitimamente estabelecidas (cf. Rom 13,4 θεοῦ γὰρ διάκονός ἐστιν σοὶ εἰς τὸ ἀγαθόν. ἐὰν δὲ τὸ κακὸν ποιῇς, φοβοῦ· οὐ γὰρ εἰκὴ τὴν μάχαιραν φορεῖ· θεοῦ γὰρ διάκονός ἐστιν ἑκδικὸς εἰς ὀργὴν τῷ τὸ κακὸν πράσσοντι). A esses "servidores" de Deus ou das autoridades é devida obediência. Mas um bom diácono é aquele que instrói os irmãos na fé e na palavra do evangelho, tal como na advertência que Paulo deixa ao seu fiel amigo Timóteo (1 Tim 4,6 Ταῦτα ὑποτιθέμενος τοῖς ἀδελφοῖς καλὸς ἔσῃ διάκονος Χριστοῦ Ἰησοῦ, ἐντρεφόμενος τοῖς λόγοις τῆς πίστεως καὶ τῆς καλῆς διδασκαλίας ἣ παρηκολούθηκας).

É de notar que alguns dos que foram miraculados por Jesus logo a seguir colocaram-se a *diaconar Jesus* (καὶ διηκόνει αὐτῷ cf. Mt 8,15; Mc 1,31; Lc 4,39 a sogra de Pedro). Por isso, a diaconia para Jesus significa também pôr a mesa, pôr as bebidas, alojar, vestir, dar roupa, cuidar da logística. Mas não só. Na correcção aos seus aprendizes (discípulos na subida para Jerusalém em Mc 9,35), Jesus tem de tirar os discípulos das expectativas generalizadas em Israel. Depois da resposta desajustada de Pedro em Cesareia de Filipe, lá longe de Jerusalém, o mais a norte possível da cidade da paixão e da Páscoa, Jesus tem de refazer a imagem do Cristo de Deus como diácono e não segundo a lógica do poder, como queriam e gostavam os seus aprendizes – que cada um seja de todos o servo, o último, o diácono (ἔσται πάντων ἑσχατος καὶ πάντων διάκονος ~~καὶ πάντων~~ veja-se na versão sahídica *אגו נקדיאקוניון*).

Conclusão

A diaconia está marcada pelo serviço de dar uma nova vida ao mundo, de lhe introduzir sangue novo⁵⁴. Do percurso realizado, foi possível passar a ter em conta que não há diáconos nas obras de Lucas, nas Epístolas Católicas nem no Apocalipse, ainda que seja referida a diaconia. Não se trata de um ministério permanente ou universal em toda a Igreja primitiva ou difundido em toda a parte. Em vez disso, concentra-se nas comunidades paulinas. H. W. Beyer contrapõe o serviço da mesa ao serviço da palavra à boa maneira clássica de alguma exegese histórica (mas não histórico-crítica)⁵⁵ servindo-se apenas de parte destes dados, o que não se coaduna com a vida diaconal das primeiras comunidades paulinas. Com efeito, Timóteo e Erasto são διακονοῦντες do evangelho, são servidores da palavra evangélica (cf. Act 19,22).

54 Cf. MARTIN SEIDNER, "Dienen, Apostolizität und Tugend. Zur Aktualität von 1 Tim 3,8-9", *Münchener Theologische Zeitschrift* 51 (2001) 110.

55 Cf. H. W. BEYER, "διακονέω", *TWNT* II (1935) 84; *GLNT* II (1966) 960.

Com este dado é no mínimo surpreendente a conclusão anterior de Beyer⁵⁶. O diácono não é certo que exercesse no Novo Testamento funções sócio-caritativas exclusivamente, ou mesmo que seja investido nesses serviços. Paulo pede a Timóteo e a Tito para escolherem homens de boa reputação, com um perfil muito exigente, e capazes de reflectir a Sagrada Escritura⁵⁷.

A referência ao ministério dos "sete" em Act 6,1-6 por parte de Lucas pretende somente ligar o ministério destes sete ao serviço apostólico, pura e simplesmente isto⁵⁸. Dos muitos companheiros do apóstolo das gentes, os diáconos auxiliam-no no *permanente* trabalho da itinerância missionária da evangelização.

José Carlos Carvalho

56 Cf. H. W. BEYER, "διακονέω", *TWNT* II (1935) 86; *GLNT* II (1966) 965. Com efeito, este autor até reconhece que o significado originário consiste na oferta do pão da palavra, no serviço da palavra: cf. H. W. BEYER, "διακονέω", *TWNT* II (1935) 87; *GLNT* II (1966) 967.

57 Cf. PAOLO IOVINO, *Lettere a Timóteo*, 241.

58 Como recorda ROLAND MINNERATH, *La théologie du diaconat dans le miroir des origines*. In BRUNO DUMONS – DANIEL MOULINET (eds.), *Le diaconat permanent Relectures et perspectives*, Paris 2007, 210.